



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Brasil Internacional

Centro Cultural Banco do Brasil, 1º de julho de 2010

Jornalista: O senhor está fazendo uma viagem à África, que também já foi chamada de “o Continente esquecido”. No seu governo, as relações com o Continente ganharam prioridade na política externa. O senhor avalia hoje que nós reduzimos bastante essa distância entre o Brasil e o continente africano?

Presidente: Eu acredito, Tereza, que nós redescobrimos a África. Habitualmente, os governantes brasileiros olhavam para a Europa e não conseguiam enxergar o continente africano. A última boa política que nós tivemos com a África ainda foi no governo Geisel, quando o ministro das Relações Exteriores, que era o Silveirinha, teve uma política de reconhecimento de Angola imediatamente. Depois nós fomos esquecendo a África, fomos esquecendo a América do Sul, a América Latina, e ficamos disputando os amores da Europa e dos Estados Unidos. Acontece que essas coisas têm limite, porque todo mundo quer ter uma relação privilegiada com os países ricos.

Nós tomamos a decisão, primeiro, porque o Brasil tem uma dívida histórica com a África, afinal de contas, cidadãos livres africanos vieram para cá, se transformaram em escravos e ajudaram o Brasil a construir o que nós somos hoje, ou seja, a nossa cor, o nosso jeito de ser, a nossa beleza, a nossa ginga, o nosso samba, o nosso futebol, a nossa arte. Tem uma coisa rica dessa miscigenação, dessa mistura de europeu, africano e índio. Então, é uma dívida que o Brasil tem. Como não é uma dívida que pode ser paga em dinheiro, ela tem que ser paga em solidariedade.

Então, eu me dispus, enquanto presidente do Brasil, a começar a



construir um processo de devolução dos benefícios que os africanos deram ao Brasil durante mais de 300 anos. É por isso que eu já visitei 20 países, vou visitar mais seis países agora, alguns eu já visitei mais de uma vez. Temos um grande, um grande programa de colaboração com vários países africanos na área da agricultura, na área da educação, na área da saúde, na área da pesquisa. E temos trabalhado para que Brasil e terceiros países possam trabalhar juntos para investir na África, sobretudo na produção de biocombustíveis, para atender ao mundo desenvolvido, que não tem mais terra para plantar. Eu acho que hoje, só para você ter um exemplo, nós saímos de praticamente US\$ 5 bilhões de balança comercial com a África para US\$ 25 bilhões, o que é muito significativo. Portanto, eu...

Jornalista: Em oito anos?

Presidente: Durante o meu mandato. Até 2008, na verdade. Nós não temos ainda 2009 e 2010. O dado concreto é que nós começamos a redescobrir a África, tem muita gente trabalhando na África, tem muito investimento brasileiro na África, e eu acho que isso é um bem para o Brasil do ponto de vista cultural, mas também é um bem do ponto de vista comercial, do ponto de vista de investimento e de perspectivas futuras, afinal de contas, a África tem 800 milhões de habitantes. Se 30% desses 800 milhões de habitantes virarem consumidores, nós vamos ter, aí, uma população de 300 milhões de habitantes consumindo os produtos, produzindo os produtos e aumentando a nossa relação comercial.

Jornalista: Presidente, o senhor acabou de mencionar a balança comercial Brasil-África, que realmente cresceu bastante, muito embora com alguns países, inclusive Zâmbia, onde o senhor vai estar nesta viagem, o comércio ainda seja muito pequeno. Agora, na sua visão, o senhor acha que se deve



olhar para a África apenas com os olhos do comércio?

Presidente: Não. Não, eu acho que nós temos que olhar para a África com os olhos da cultura, com os olhos da solidariedade, da cooperação, da troca de experiência em investimentos, em ciência e tecnologia. É assim que a gente deve ajudar a África a se desenvolver. Por exemplo, quando nós criamos a Embrapa em Gana, na capital, em Acra, nós tínhamos como objetivo fazer com que a Embrapa africana pudesse pesquisar a savana africana porque ela tem muita similaridade com o Centro-Oeste brasileiro.

Jornalista: Com o cerrado.

Presidente: Com o cerrado brasileiro. Pois bem, nós já fizemos pesquisa de campo em 17 países, e o potencial de produção da savana africana é o mesmo potencial do cerrado brasileiro. Todos nós estamos lembrados que 40 anos atrás ou 50 anos atrás, a gente passava no cerrado e a gente dizia: “Terra que dá árvore torta não presta para nada”. Depois de um pouco de manejo da terra, a gente percebeu o quê? Que o cerrado virou a região que mais produz grãos por hectare no Brasil, e nós achamos que a África pode se transformar numa região altamente produtiva de grãos para poder ajudar a alimentar a quantidade de latino-americanos, de asiáticos, que começam a comer mais porque começam a melhorar de vida. É tudo o que o Brasil pode fazer. Agora, obviamente que a gente, também, não pode perder o olho comercial. Não é, não é... O Brasil não pode permitir que os agricultores africanos fiquem utilizando máquinas alemãs, máquinas americanas, máquinas chinesas, se nós temos uma fronteira oceânica imensa com a África e a gente pode fazer as coisas bem mais fácil. Por exemplo, nós estendemos o mesmo programa do Finame, para financiar máquinas agrícolas, caminhões e equipamentos para os produtores brasileiros, nós estendemos para a África e estendemos para a



América Latina, para que eles tenham as mesmas condições dos produtores brasileiros, e assim a gente vai ajudando a África a se desenvolver.

Jornalista: O Brasil tem, então, toda essa atenção... Tem tido, no seu governo, toda essa atenção. A China é um país rico que também está investindo na África. Mas, o mundo rico? O mundo rico redescobriu a África? O mundo rico tem procurado, também, redimir-se um pouco dessa dívida histórica?

Presidente: Eu tive, eu tive oportunidade, Tereza, de conversar com a Angela Merkel, com o Sarkozy, conversar com o Gordon Brown, conversei com o Bush, conversei com o Obama, conversei com o Berlusconi. Eu tenho tido a oportunidade de conversar com todos os líderes europeus, mostrando que se é verdade que eles têm que cumprir o Protocolo de Quioto e que eles vão ter que adicionar 10% de etanol à sua gasolina até 2020, e se também é verdade que eles não podem utilizar a terra deles, já tão bem trabalhada com outros produtos, para produzir biocombustíveis, eles teriam que construir parcerias para que a gente pudesse produzir em parte da África, gerar emprego na África, gerar riqueza na África, e eles comprarem esses biocombustíveis. Essas coisas não acontecem num toque de mágica, não acontecem com a rapidez que eu gostaria que acontecessem.

Mas o dado concreto é que na hora em que nós tivermos que adotar uma nova matriz energética para não ficar dependendo dos combustíveis fósseis... Nós ainda não conseguimos desenvolver o hidrogênio, portanto, nós vamos ter que utilizar biocombustíveis, e quem tem terra para produzir biocombustíveis são a África e o Brasil. Portanto, é apenas uma questão de tempo.

Veja, nós acabamos de fazer um acordo com a Galp e a Petrobras, nós vamos produzir 300 mil toneladas, acho que é... o número pode ser um pouco exagerado, mas são 300 mil toneladas de óleo de dendê para Portugal refinar em Portugal e vender para a Espanha. Nós estamos fazendo, com a Petrobras,



uma grande produção de dendê para recuperar todas as matas que já foram degradadas lá no estado do Pará. É isso que nós queremos que os países ricos continuem... Por exemplo, o Japão está disposto a fazer uma parceria conosco em Moçambique. A Odebrecht está plantando cana e fazendo açúcar e etanol em Angola. Assim a gente vai contribuindo para que a África possa ser uma fonte fornecedora de energia limpa que o mundo desenvolvido precisa.

Jornalista: O senhor diria que encontrou sensibilidade junto a esses líderes dos países ricos ou, pelo menos, que hoje eles são mais sensíveis do que eram no passado?

Presidente: Sensibilidade todo mundo tem. Agora, entre ter sensibilidade e colocar [tirar] o dinheiro no [do] bolso, há uma diferença muito grande, muito grande, porque as pessoas pensam politicamente no seu eleitorado, as pessoas pensam nas próximas eleições. Eu acho um absurdo. Por exemplo, nós, agora, vamos começar, até o final do ano, uma experiência de universidade a distância com Moçambique. Vamos fazer um piloto com Moçambique: uma universidade via internet, com aula presencial a cada 15 ou 30 dias. Se der certo, nós vamos estender para todos os países de língua portuguesa. Ora, isso poderia ser feito pela França, para os países de língua francesa; poderia ser feito pelos ingleses, para os países de língua inglesa. É a forma mais barata e mais fácil de a gente contribuir com o desenvolvimento africano. Afinal de contas, o mundo desenvolvido precisaria ter a inteligência de perceber que quanto mais os pobres progredirem, mais eles, países ricos, ganham, porque eles exportam produtos altamente sofisticados, de alto valor agregado. Se tiver muita gente pobre, eles não têm para quem vender.

Eu digo isso com a prática concreta do sucesso do mercado interno brasileiro. Eu, quando pego as estatísticas, e eu percebo que foram exatamente as classes D e E do Norte e do Nordeste brasileiro que não



permitiram que este país entrasse em crise econômica, que consumiram mais em 2009 do que as classes A e B das regiões Sul e Sudeste do Brasil, eu fico imaginando o sucesso que a gente teria na hora em que os países africanos tivessem um Bolsa Família, na hora em que todos os países pudessem ter um Bolsa Família, que as pessoas pudessem frequentar shopping.

Jornalista: Que mercado que não se gerava lá, não é?

Presidente: Na semana passada eu estive com um empresário aqui no Brasil e, conversando com ele, ele me dizia: “Presidente, eu sou dono de uma, de uma... eu sou diretor de um McDonald’s. O senhor sabe qual é a loja que mais vende no mundo? É na Zona Leste de São Paulo.”

Jornalista: Ah é?

Presidente: Não é em Nova Iorque, não é em Tóquio, é na Zona Leste de São Paulo. Por quê? Porque na hora em que a parte mais pobre da sociedade começa a ter acesso às coisas, ela vai comprando, e o mundo rico precisa pensar assim na África, precisa pensar assim para a China. Você veja, a China está se desenvolvendo, mas ainda tem 700 milhões de pobres, ainda tem milhões morando em cavernas. Imagine o dia em que todo chinês puder entrar no shopping e comprar alguma coisa, ou todo africano. Quem é que vai ganhar muito? São os países ricos.

Jornalista: Então, parece que o Brasil está ocupando um espaço na África que é meio esquecido pelo mundo rico, digamos assim.

Presidente: Nós estamos ocupando um espaço, Marilena, menor do que deveríamos ocupar.



Jornalista: Ah é?

Presidente: Eu tenho provocado os nossos empresários, a indústria automobilística, os usineiros brasileiros, a indústria de brinquedos, a indústria de material de construção civil, a indústria de supermercados. Já falei com empresários importantes, como o Abílio Diniz. É importante que a gente vá para a África, porque os chineses estão indo para a África, porque os chineses estão descobrindo a África.

Jornalista: Como o senhor vê a presença da China lá?

Presidente: Veja, a China tem ajudado a África, mas a China tem uma visão um pouco diferente da nossa. O que a China quer? A China quer matéria-prima. Então, a China quer comprar tudo o que é minério de ferro, tudo o que é bauxita, tudo o que for produção agrícola. Nós não queremos isso. O que nós queremos é construir uma parceria para que as nossas empresas e as empresas africanas possam se desenvolver junto. Nós não queremos aquela política de ficar dando o peixe aos africanos. Nós queremos aquela política de ensiná-los a pescar, para que eles se transformem em nações mais desenvolvidas, mais prósperas, mais independentes e que o seu povo consiga conquistar a cidadania plena. Então, tem uma diferença básica entre nós e a China com relação à África.

Jornalista: Além de estimular os empresários, como nos exemplos que o senhor citou – “precisamos ir para a África, temos um papel a cumprir lá” –, quais são as medidas efetivas de incentivo, assim: o governo incentiva as empresas a fazerem investimentos na África? Talvez não as grandes, como a Vale, a Odebrecht, que já estão lá e outras, mas talvez empresas menores?



Existe uma política de incentivo?

Presidente: Mas todas estão, direta ou indiretamente, com incentivo do governo. Eu vou dar um exemplo da Vale do Rio Doce. A Vale precisava comprar a mina de Moatize, em Moçambique, e estava na semana de decidir para quem eles iam vender, se era para a Índia, para a China ou para o Brasil. Eu liguei para o meu amigo Presidente – na época era o Chissano – e eu falei: olha, Chissano, não é possível que a nossa relação histórica não seja levada em conta na hora de uma empresa brasileira comprar uma mina de carvão. É importante que a nossa história prevaleça. Obviamente que tem que ter um bom preço, mas é importante que a nossa história prevaleça, a nossa relação histórica. O fato é que a Vale do Rio Doce ganhou.

O Brasil tem... Hoje nós temos financiamento de quase US\$ 4 bilhões de exportação de serviços para Angola. Nós formamos parte da Marinha da Namíbia. Nós temos projeto de financiamento de vários outros projetos, por exemplo, uma fábrica de antirretrovirais em Moçambique.

Jornalista: É uma empresa brasileira?

Presidente: É uma empresa brasileira, feita pela Fiocruz, para produzir remédio para combater a Aids, e nós queremos estender isso para outros países. Nós temos projeto... Nós temos Senai em Angola, nós temos Senai em Cabo Verde. Nós temos uma política dinâmica. O problema mais sério, Tereza, é que o Brasil não se deu conta de que nós somos um país grande. E o Brasil, muitas vezes, agia como se fosse um país receptor, um país pobre que precisa de ajuda de ONG. O Brasil é um país grande e o Brasil tem que ter responsabilidade. Por exemplo, nós temos que anistiar as dívidas de vários países africanos. Já perdoamos a dívida de Moçambique, de Níger, e vamos, vamos, vamos... agora, de Cabo Verde. Nós vamos tentar perdoar as dívidas



desses países, porque o Brasil tem condições de fazer isso.

Jornalista: O senhor vai anunciar alguma...

Presidente: Então, o Brasil, o Brasil tem, o Brasil tem que se portar como um país grande que tem que ter influência política. Se o Brasil quiser jogar o jogo globalizado nas Nações Unidas, o Brasil precisa ser mais ousado, o Brasil não pode ficar pedindo “cinco contos” para os Estados Unidos ajudarem...

Jornalista: Coitadinho, não é?

Presidente: Não dá, não dá para ser um coitadinho. Nós somos um país grande e, portanto, nós temos que fazer valer o nosso tamanho e a nossa grandeza. Se não for assim... Você sabe que, às vezes, eu fico com vergonha! Eu chego em um país desses, pequeno, o Brasil tem uma Embaixada com um embaixador e um funcionário. Aí, você chega em uma Embaixada francesa, em uma Embaixada chinesa, em uma Embaixada americana, é um quarteirão!

Jornalista: A representação tem que ser condizente, não é?

Presidente: Quem quer ter política de influência, quem quer ajudar a decidir, quem quer influir tem que estar presente de corpo e alma, trabalhando, acompanhando o cotidiano da política.

Jornalista: Presidente, é por isso, talvez que o senhor também... o seu governo aumentou em... agora, para... são 34 embaixadas. Foram criadas 16 novas embaixadas em vários países africanos, no seu governo, aumentando para 34 embaixadas brasileiras a representação diplomática lá. O senhor já tem, assim, resultados dessa representação? O senhor já vê o resultado desse



aumento dessa representação diplomática?

Presidente: Eu posso te dar um resultado mais simples: é o crescimento do comércio entre Brasil e África.

Jornalista: Então, elas foram estritamente necessárias?

Presidente: Nós pensamos muito pequeno. Eu estou há três anos tentando criar condições de nós termos voo direto para vários países africanos. Veja, se você não garantir o direito de ir e vir, se você... Imagine você, alguém da Guiné Equatorial - que eu vou visitar agora - se tiver que comprar alguma coisa e tiver que ir a Paris antes de vir ao Brasil, já compra em Paris. Então, é do interesse do Brasil fazer com que empresas brasileiras de aviação frequentem esses países, que tenha voos para esses países. A verdade é que nós não conseguimos criar, até agora, porque as empresas brasileiras privadas têm um olhar ainda muito europeizado e americanizado. Não têm para a África. Têm para a África do Sul, que é um país grande, mesmo assim tem mais empresas da África do Sul viajando para cá. Tem de Angola – poderia ter muito mais para Angola – e poderia, de Angola, distribuir para outros países da África. Veja, se não tiver como o empresário brasileiro viajar a África, não tem como ele fazer negócios.

Jornalista: Os negócios não avançam, não é?

Presidente: Não tem como ele fazer negócios. Então, eu agora estou viajando, eu estou levando um avião, na frente, com empresários, junto com o Miguel Jorge. Em cada estado nós vamos ter encontros empresariais, que é para os empresários brasileiros descobrirem o potencial africano e para que os africanos descubram o potencial brasileiro.



Nós fizemos há pouco tempo uma reunião aqui, no Brasil, com os ministros da Agricultura de todos os países africanos. Para quê? Para a gente mostrar para eles a nossa tecnologia, para a gente mostrar a Embrapa, e para a gente mostrar para eles o potencial da agricultura brasileira, tanto o agronegócio quanto a agricultura familiar. E assim a gente vai despertando neles o interesse de quererem as coisas, as experiências que o Brasil adotou e que deram certo. E tem muitas áreas em que o Brasil pode ajudar os africanos.

Jornalista: Dentro desses acordos de cooperação assinados e implementados no seu governo, o que o senhor destaca? Acho que a política... a nossa colaboração em Aids, o senhor acha que foi um dos projetos mais importantes?

Presidente: Eu acho que a fábrica de antirretrovirais é uma coisa importante, mas a coisa mais sagrada, para mim, é a questão do desenvolvimento agrícola.

Jornalista: Segurança alimentar.

Presidente: Por que eu falo que o desenvolvimento agrícola é importante, Tereza e Marilena? É porque a segurança alimentar é a condição fundamental para que um país seja independente...

Jornalista: Independente.

Presidente: ...e se desenvolva. Nós temos que garantir às pessoas o direito de tomar café, almoçar e jantar. Se nós não tivermos capacidade de produzir e formos países pobres, nós não temos como comprar. Não é o caso do Japão, que produz pouca coisa, mas tem muito dinheiro porque é um país de alto conteúdo tecnológico.



Jornalista: Pode importar, não é?

Presidente: Mas não é o caso do... não é o caso dos países africanos que, às vezes, quando aumentou o preço da soja e do arroz, os coitados passam fome. Então, o que nós queremos é o seguinte: se tiver o que comer é meio caminho andado...

Jornalista: É o mais sagrado.

Presidente: ...para conquistar outras coisas.

Jornalista: Presidente, a questão... com todos esses investimentos já acontecendo e os futuros que ainda irão acontecer, sobretudo o senhor levando esses empresários na sua comitiva nesta viagem, a questão da estabilidade política dos países do continente africano. O Brasil vê com preocupação essa questão?

Presidente: O Brasil vê com preocupação e o Brasil trabalha no sentido de ajudar. Eu... em todos os países que eu visito, eu digo o seguinte: não existe possibilidade de um país se desenvolver, cuidar do seu povo corretamente, se não tiver paz. A guerra, ela não ajuda. A guerra destrói. A gente poderia pegar um caso como Angola, que depois que fez a guerra da independência, e conseguiu a independência em [19]75, entrou numa guerra fratricida muito mais violenta, que era a guerra civil pelo poder. Destruíram, em Angola, mais de mil pontes, que até hoje não puderam ser reconstruídas. Quando você destrói mil pontes, quando você destrói lideranças, quando você destrói comunidades, quando você destrói ferrovias, quando você destrói estradas, você está destruindo o futuro do país. Então, hoje o continente africano tem consciência de que somente a paz é que pode permitir que eles deem um salto



de qualidade, até porque nenhum país vai dar dinheiro para a África se não houver paz.

Vamos pegar o caso de Guiné-Bissau. Guiné-Bissau é um país pequeno, um milhão e meio de habitantes, um país de língua portuguesa, mas tem tantos conflitos lá, que existe dificuldade de ajuda financeira. Eu, agora, vou me encontrar com o Primeiro-Ministro da Guiné-Bissau, em Cabo Verde, e discutir um pouco com ele qual é o tipo de ajuda que o Brasil pode dar. Mas para que eu convença o Congresso brasileiro a dar uma ajuda à Guiné-Bissau, eu preciso provar ao Congresso brasileiro que aquele dinheiro vai ser feito em benefício do povo, vai ser utilizado em benefício do povo. Se for para ter mais uma guerra e destruir mais uma casa, destruir mais uma plantação de lavoura, ninguém vai querer dar dinheiro.

Então, eu acho que a África está pensando nisso, acho que eles estão bem organizados, a União Africana trabalha muito bem, eles têm um banco africano que também está trabalhando bem. Eu acho que a África está dando passos extremamente importantes para, no século XXI, fazer com que ela se transforme num grande continente.

Jornalista: O senhor mencionou os países de língua portuguesa. A CPLP foi pensada, assim, como um bloco, mas ela nunca passou a ter, hoje, mais de uma associação com base na língua, no que pese o interesse geral do Brasil na África. O senhor acha que a CPLP pode vir a ser um bloco específico com peso político e econômico?

Presidente: Pode. Tereza, nós temos um problema. Qual é o problema? Em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão. Quando você junta um conjunto de países pobres, miseráveis, em que falta o alimento diário, em que falta um remédio, em que falta saúde, é difícil você pensar em outras coisas mais sofisticadas, porque você está sempre pensando na sua



sobrevivência imediata.

Veja, Angola começa a se transformar num país de potencial de desenvolvimento extraordinário. A economia de Angola, antes da crise, estava crescendo 19% ao ano, o que é uma coisa excepcional. Moçambique está crescendo de forma muito mais segura e muito mais sustentável. Nós temos interesse em ajudar mais países como Cabo Verde e como Guiné-Bissau. Nós temos interesse em ajudar São Tomé e Príncipe, que é uma ilha pequena, de 150 mil habitantes, e o Brasil pode ajudar a fazer saneamento básico lá, o Brasil pode ter lá uma espécie de... quase um porto para levar produtos brasileiros para outros países. Nós temos que convencer os nossos empresários disso. Nós temos que convencer os nossos empresários disso, nós temos que convencer a Petrobras a fazer investimentos. A Petrobras, antes de nós chegarmos ao governo, a Petrobras relutava muito em se expandir internacionalmente. Nós adotamos uma política de fazer a Petrobras trabalhar em outros países, fazer parceria com outras empresas e não ficar apenas querendo trabalhar perto dos Estados Unidos, mas trabalhar com outros países, inclusive com os africanos, e isso está acontecendo. Essas coisas levam cinco anos, levam dez anos para que a gente possa consolidar.

Jornalista: Presidente, a sua viagem começa exatamente por Cabo Verde, onde vai acontecer a primeira reunião de cúpula da Comunidade Econômica dos Países [Estados] da África Ocidental. O que o senhor espera dessa... Brasil e essa Comunidade, o que o senhor espera dessa reunião?

Presidente: Olha, toda essa gente espera muito do Brasil, e eu acho que numa reunião como essa o Brasil precisa colocar: primeiro, disponibilidade de crédito para ajudar essas pessoas a fazerem projetos. Eu vou dar um exemplo de um crédito que o Brasil precisa dispor para esses países: a questão energética. Todos esses países, na sua maioria, têm deficiência energética, todos. Uma



parte deles tem rios, e o Brasil poderia construir pequenas hidrelétricas porque o Brasil tem tecnologia. Isso significa que o Brasil está colocando crédito para garantir a exportação de serviços do Brasil. Isso é um ganho extraordinário. Todos os países africanos que vêm ao Brasil, a coisa principal que eles pedem para nós é a questão energética, construir pequenas hidrelétricas, e ajudar na agricultura. O Brasil tem potencial para isso, o Brasil tem condições de fazer isso. Então, eu espero, eu espero... Nós, inclusive, quando criamos o BNDES Internacional, foi para facilitar a atuação de financiamento do Brasil a projetos de desenvolvimento nesses países.

Jornalista: O senhor vai fazer algum anúncio lá, tipo perdão de alguma dívida ou alguma linha de crédito, assim? Tem alguma iniciativa...

Presidente: Nós vamos assinar acordos em todos os países, nós vamos assinar acordos em todos os países, acordos que depois o nosso embaixador e o nosso Itamaraty têm que dar sequência para que eles sejam implantados. Todos nós nos queixamos muito, tem uma coisa universal no meio político, que é o seguinte: nós fazemos acordos e, às vezes, os acordos demoram para acontecer porque a burocracia de cada país é um... às vezes vira quase um inferno para demorar. Mas eu pretendo fazer bons acordos com esses países. E eu quero deixar, para quem vier depois de mim, uma relação mais bem consolidada com o continente africano, porque é o continente que vai nos dar condições de pensar no futuro com mais grandeza. A Europa é muito importante, mas a Europa é um continente cansado, é um continente que a gente poderia dizer... um continente em que o mercado interno está tão consolidado, que é difícil você criar alguma coisa nova.

Jornalista: Tudo está pronto e ocupado, não é?



Presidente: Eles pararam até de ter filhos, e isso dificulta o crescimento de novos consumidores. Então, onde nós temos é na África, no Brasil e na China. Então, nós temos que trabalhar muito essa parte do mundo.

Jornalista: Deixa eu te fazer uma pergunta relacionada, mais, com nossa vida social interna, mas conectada com a África. Nós somos o maior país negro fora da África. Eu acho que um dos gestos simbólicos mais fortes do seu governo foi o pedido de perdão que o senhor fez em Benin, pela escravidão. Internamente, a resposta do governo foram as ações afirmativas que cresceram muito no seu governo, com as cotas para afrodescendentes nas universidades, as cotas para empregos, a demarcação de terras quilombolas. Não sei qual é a sua avaliação, se o senhor queria ter feito mais do que isso. Mas como o senhor responde a uma crítica recorrente, de que essas ações afirmativas realçam uma diferença racial que seria, supostamente... antes, seria supostamente mais harmônica,...

Presidente: Olha...

Jornalista: ...o discurso da harmonia racial que...

Presidente: Não é verdade.

Jornalista: ...na prática, não é verdadeiro.

Presidente: Não é verdade, não é verdade. O preconceito está aí, está em cada esquina, está em cada rua, está em cada casa, e a gente não... não adianta tratar essas coisas com mentira. Eu acho que quando nós criamos o Ministério da Igualdade Racial [Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial], que resolvemos ter políticas afirmativas, e agora, graças



a Deus, nós aprovamos o Estatuto da Igualdade Racial, depois de tantos anos no Congresso... Quando eu fui inaugurar a estátua do João Cândido, lá na Praça XV, no Rio de Janeiro, havia gente que não queria que inaugurasse a estátua. Quando eu coloquei o nome do navio... o primeiro navio feito pelo Atlântico Sul, que eu coloquei o nome de João Cândido, teve gente que não queria que eu colocasse João Cândido. O próximo, agora, eu vou colocar Zumbi dos Palmares, que é para a gente ir afirmando essas coisas. Quando nós aprovamos a lei que obriga a contar a história dos negros como ela é, na escola brasileira... Tudo isso é extremamente importante para o futuro do país, para a construção de uma nova consciência cidadã que nós precisamos ter.

Ontem, ontem eu... Ontem, não, nesses dias, nesses dias eu vivi uma coisa que... Eu dizia sempre: se depois daquele ato eu morresse, já tinha valido a pena ter vivido.

Jornalista: Ah, como foi? O que foi?

Presidente: Ontem eu fui entregar diploma, os primeiros diplomas de médicos, os primeiros diplomas de médicos para os meninos do ProUni. Foram 400 e poucos. Eu fiquei maluco, porque tem uma família pobre que dois filhos e uma filha se formaram em Medicina, e muitos jovens negros.

Jornalista: Isso foi onde?

Presidente: Eu até provoquei a imprensa brasileira. Eles não deram matéria, mas eu provoquei. Eu falei: gente, olha, é a chance de vocês fazerem a matéria da vida de vocês. Quando terminar o ato, aqui, entrevistem esses meninos, perguntem como é que eles chegaram lá, perguntem quais são os pensamentos deles para o futuro, para não ficar apenas aquelas notinhas, como se fosse uma obrigação oficial de dizer que foram entregues os diplomas.



Me parece que não foi feito. Mas, de qualquer forma, de qualquer forma, nós vamos, agora... já foi aprovada na Câmara, vai ser aprovada no Senado a Universidade Afro-Brasileira, na cidade de Redenção, no estado do Ceará, onde foi o começo da luta pelo fim da escravidão. Então, nós queremos uma universidade com dez mil alunos – cinco mil brasileiros, cinco mil africanos –, com parte do currículo africano, parte do currículo brasileiro, ou seja, tudo afro-brasileiro, professores dos dois continentes.

Jornalista: Uma universidade federal brasileira.

Presidente: Brasileira, brasileira. E a gente vai tomar o cuidado de fazer com que o menino que venha estudar aqui no Brasil, ele fique um tempo aqui e volte para a África, fique um tempo aqui e volte para a África, porque senão ele vem para cá, logo encontra uma namorada no Brasil e não quer mais voltar para a África.

Jornalista: Desenraiza.

Presidente: E aí nós não queremos, como eles fazem em Paris, que ficam em Paris, ou que ficam em Londres. Não.

Jornalista: Então nós vamos dar 50% das vagas para bolsistas africanos.

Presidente: É isso, é isso.

Jornalista: Só de países de língua portuguesa?

Presidente: Nós vamos começar com países de língua portuguesa, porque nós temos que começar um plano piloto para que a gente, na medida em que



vá dando certo, a gente vá estendendo para outros países. Mas nós vamos começar com os países de língua portuguesa, o que, para mim, será... Você sabe que nós já inauguramos a primeira parte da Universidade Latino-Americana, que o currículo vai ser latino-americano, os alunos vão ser latino-americanos, os professores latino-americanos, porque esse é o papel de um país que tem a dimensão que tem o Brasil. Você chega em qualquer lugar do mundo, tem uma escola americana; você chega em qualquer lugar do mundo, tem uma escola francesa; já começa a ter escola chinesa. E o Brasil, então, precisa dar oportunidade de trazer gente para cá, para formar gente, formar quadros, formar gestores públicos, formar engenheiros, formar médicos. Essa é a contribuição que o Brasil pode dar, quase como pagamento daquilo que a África significa para nós.

Jornalista: Presidente, para encerrar, então, a nossa entrevista, o senhor acredita que essa aproximação com a África é um caminho sem volta.

Presidente: Olha, é sem volta, e eu tenho dito para todo mundo que quando eu deixar a Presidência, eu quero ter uma dedicação especial com a África. Eu acho que as experiências bem-sucedidas que nós temos no Brasil, de políticas públicas – e são muitas, muitas, e muitas –, eu gostaria que os governantes africanos conhecessem e descobrissem que o problema não é apenas a falta de dinheiro. Muitas vezes, nós ficamos dizendo: “Eu não faço porque não tenho dinheiro, eu não faço porque não tenho dinheiro”. Às vezes, a gente não faz porque a gente não define prioridade, às vezes, a gente não faz porque a gente não foca numa prioridade para fazer. Então, eu acho que a minha ligação com o continente africano, ela é irreversível.

Jornalista: Então, não vou deixar encerrar sem fazer essa pergunta. Teve, aí, um artigo da imprensa internacional, em que o senhor mesmo fala, repete isso,



o interesse em continuar ligado às questões de África e de América Latina, e muita especulação de que a movimentação sua, internacional, no final do governo, tenha o objetivo de assegurar apoios para uma posição em organismo multilateral. Como é que o senhor quer ter essa relação, essa atenção com a África e a América Latina depois do encerramento do seu mandato? É em um organismo multilateral ou é através de um outro tipo de instituição?

Presidente: Olha, primeiro, vamos ver uma coisa importante. Eu vi a matéria, [que] disse que eu tenho pretensões de ir para a ONU ou que eu tenho pretensões de ir para o Banco Mundial. É uma cretinice política pensar isso. Veja, a ONU, ela não pode ter como secretário-geral alguém que tenha personalidade e mais representatividade do que muitos países. O secretário-geral da ONU tem que ser um burocrata, funcionário dos países.

Jornalista: Não pode assustar os dirigentes...

Presidente: Porque se não for assim, imagine se um presidente dos Estados Unidos quiser ser secretário-geral da ONU: acabou a ONU!

Jornalista: É verdade.

Presidente: Então, não pode ter uma figura forte na ONU. A ONU tem que ter um burocrata competente, que saiba que quem manda nele são os países que são componentes da ONU. E mesmo o Banco Mundial. Eu não tenho cara de banqueiro. Eu tenho mais cara de agitador político do que de banqueiro. Então, a única coisa que eu quero é o seguinte: é colocar para os países mais pobres o aprendizado que eu tive aqui, as coisas que nós fizemos aqui, as coisas que falta fazer e as coisas que nós poderíamos ter feito e que não fizemos porque não conseguimos fazer. Eu acho que é uma experiência muito rica. Eu ainda



não decidi o que eu vou fazer mas, certamente, eu vou ter... vou criar um instituto, vou continuar viajando o mundo, eu não vou ficar parado, e vou dar uma contribuição, uma contribuição para o governo que for eleito. Eu já sei quem vai ser eleito, mas eu não posso falar, por causa da legislação eleitoral. Mas a verdade é a seguinte, é que a contribuição que eu posso dar para um governo que eu ajudei a eleger é deixar ele governar, não ficar dando palpite, porque não tem nada pior... da incompreensão de que “rei morto, rei posto”. O “rei morto” tem que ficar quietinho no seu canto e deixar o novo rei governar e reinar à vontade.

Jornalista: E aí, compartilhar a experiência acumulada lá fora.

Presidente: E aí tentar vender a experiência acumulada. Obviamente que será muito mais fácil se eu contar com a compreensão de quem está no governo, será muito mais fácil. Mas a verdade é a seguinte: nós conquistamos um espaço no mundo, e em política não existe espaço vazio. Eu ocupei, eu sou um político e vou continuar fazendo política. Eu tenho uma relação de amizade extraordinária porque eu prezo a amizade. Se tem uma coisa que eu gosto é de ter a minha relação de amizade. Eu gosto de tocar muito nas pessoas. Não sei se vocês perceberam, eu fico tocando muito nas pessoas, porque eu acho que nós, seres humanos, somos 80% emoção, 20% razão, e tem uma química entre a gente, que a gente se gosta porque se gosta. Eu me dou bem com a maioria dos presidentes, eles me respeitam muito, eu respeito eles. Você não imagina a quantidade de presidentes que perguntam: “Ô Lula, o que você vai fazer depois?” É o Berlusconi, é o Zapatero, é o Sócrates, é o Presidente da Síria, é o Obama, é o Sarkozy, é a Angela Merkel. Todo mundo: “O que você vai fazer depois?” Eu não sei o que eu vou fazer depois.

Jornalista: O senhor espera ver o Brasil jogar a final em Joanesburgo?



Jornalista: Em Joanesburgo (risos)...

Presidente: Eu, veja... Eu...

Jornalista: ...é final da viagem.

Presidente: Eu espero ver. Essa viagem, ela foi programada, já, três meses atrás, porque mesmo que o Brasil não estiver na final eu terei que estar lá, porque o Brasil será a futura sede da Copa do Mundo. Mas eu penso que o Brasil poderá estar na final, e eu espero estar lá para ver levantarem o “caneco”.

Jornalista: Então, boa viagem à África, não é?

Jornalista: Boa viagem. Muito obrigada pela entrevista.

Presidente: Obrigado, obrigado, e até a volta da... Ah, quando eu voltar da África, vocês fazem uma entrevista para eu contar o que eu vi na África.

Jornalista: Isso, isso. Obrigada, Presidente.

(\$31DHJLP)